

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 241
 Data 25 de novembro de 1978 Pg.: _____

Cimi considera genocídio a emancipação dos índios

JB - 25.11.78

Porto Alegre — "É profundamente lamentável que, justamente no ano em que expira o prazo dado pelo próprio Governo para a demarcação de terras indígenas, seja criado um decreto genocida como o anteprojeto da emancipação", afirmou ontem o presidente do Cimi — Conselho Indigenista Missionário — Bispo D Tomaz Balduino.

Em palestra no Congresso Missionário Missionário, o religioso afirmou que "o único gesto honesto seria esquecer o projeto e enterrá-lo", com o que concordaram os representantes da tribo dos caingangues, do Norte no Rio Grande do Sul, segundo os quais o "índio não foi feito para viver como colono".

Imoralidade

A decisão de emancipar os índios foi definida pelo presidente do Cimi como "uma imoralidade do Ministério do Interior". Acrescentou que não há outra razão para que o Governo tome esta atitude em relação aos indígenas do país, a não ser os lucros pela comercialização das terras, que, por direito, pertencem às comunidades primitivas e que, certamente, serão entregues a investidores internacionais". Ele considera que uma medida deste teor somente seria válida se houvesse equilíbrio de forças e de interesses, mas "esta decisão foi tomada unilateralmente", sem que os principais envolvidos com a questão — os índios — fossem consultados.

"Se não há igualdade de diálogo e de direitos, como normalmente ocorre nos contatos entre nossos governantes e os indígenas, é impossível acreditar em boa fé. Este decreto para mim, cheira a Lei de Segurança Nacional: querem sufocar uma população que já está agonizante", ressaltou o Bispo.

Outro fato que Tomaz Balduino caracteriza como "uma arbitrariedade no processo da emancipação" é que somente seis técnicos da Funai foram encarregados da elaboração do projeto. Explicou, que, quando a idéia começou a ser formalizada, vários antropólogos foram consultados mas, "como todos deram um parecer desfavorável, foram simplesmente afastados do plano".

O Bispo D Pedro Casaldáliga, também presente ao Congresso promovido pelo Cimi-Sul e ANAI — Associação Nacional de Apoio ao Índio — revoltado com as perspectivas de desintegração social e moral decorrentes da aplicação do projeto de emancipação, afirmou que

não chegou a ficar surpreso com a proposta do Ministro do Interior. Porém, admitiu que o Ministro Rangel Reis "traiu as comunidades indígenas, pois prometera lhes dar terras e, em vez disso, propõe a aceleração da injustiça".

Para ele, a política do atual presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, definida em seu discurso de posse, e a principal causa para o atual estado de coisas. O presidente da Funai teria declarado: "Não questionarei se os métodos de assistência aos índios estão certos ou errados, pois a Funai existe para servir ao Governo".

Este posicionamento, segundo o Bispo, demonstra que, acima das verdadeiras atribuições da entidade, estão outros interesses na distribuição de terras da União e não a defesa de direitos: "As populações minoritárias não são levadas em conta, não merecem respeito e, sempre que o Ministro ou o presidente da Funai falam sobre isso, adotam um tom bastante sarcástico".

As dificuldades criadas pela Funai quanto aos métodos progressistas adotados pelo Cimi na aculturação das comunidades aborígenes são consideradas "normais" pelo Bispo, revelando que mantem um relacionamento de "inimigos cordiais". Comentou ainda que, se o General Ismarth de Oliveira fosse "menos amigável, certamente, beneficiaria muito mais as tribos brasileiras, pois, com sua simpatia aparente, enganou-os, mais do que seus sisudos antecessores". O grupo de autoridades que se encarregou de propor a emancipação "não tem condições morais para isso", na opinião de D Pedro Casaldáliga.

Kooen, um dos representantes do grupo de caingangues do toldo de Nonoai, a 416 km desta Capital, que participou dos conflitos que resultaram na expulsão dos posseiros da reserva, não acredita que a emancipação frutifique no Brasil: "Os índios não estão preparados nem interessados em emancipação. Nossa vida é muito diferente da dos brancos e, nos anos de contato que tivemos, descobrimos que o regime dos civilizados é muito complicado: queremos viver à nossa maneira.

Kooen não culpa os colonos pelo levante de Nonoai, mas acha que seria importante que "eles tivessem mais apoio do Governo deles, porque estão sofrendo tanto quanto nós". Apesar de lamentar a sorte de seus eventuais inimigos, afirmou que "se a gente não mostra força, vira boneco".